

**UNIBRASIL**   
**ACADEMIA**   




Concebido com dois objetivos: o geral, de convidar pessoas vitoriosas na vida pessoal e profissional para ministrar palestras, relatando suas carreiras e trajetórias; o específico, de motivar os alunos aos estudos, mediante conhecimento dos exemplos positivos desses palestrantes.

# A CULTURA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Isso é bom? Aquilo é bonito? Essa conduta está correta? Há uma resposta certa para tudo?

Diz-se que gosto não se discute. Alega-se também que a ética possui gradações. Para alguns, Deus morreu – de sorte que tudo estaria permitido. A liberdade, hoje, tomou tal dimensão que o mundo não teria mais fronteiras, apenas desafios.

Mas, se não há padrão, como a vida em sociedade se mantém? Será que dar um “bom dia” a alguém passou a ser cafona? Enviar uma carta escrita seria um sinal de fraqueza? O que é bom, bonito e correto?

Comumente o ser humano, para se sentir útil, busca servir à sociedade. Um dentista é útil à sociedade. Um gari e um professor também. Da mesma forma, uma florista, um advogado, um motorista e um engenheiro. Ao trabalhar, ganha-se dignidade, não apenas pelo resultado econômico da atuação – pois muitas vezes essa será a consequência desse labor – mas, acima de tudo, pelo sentimento de contribuição à coisa comum.

Possivelmente, o profissional mais qualificado, mais talentoso e dedicado, oferecerá um bom serviço. Mas, muito além disso, o profissional que souber distinguir o que é bom, bonito e correto fatalmente servirá melhor à sociedade – e, com a mesma certeza, entregará um trabalho mais satisfatório e encontrará mais motivos para a sua felicidade.

Voltemos, então, à questão fundamental – que, propositalmente, inicia este texto: como distinguir o joio do trigo?

AUTOR:

José Roberto de Castro  
Neves - professor de  
Direito Civil na Pontifícia  
Universidade Católica do Rio  
de Janeiro (PUC-RJ); mestre e  
doutor em Direito.

A resposta inicia com o reconhecimento de que existem padrões sociais, isto é, modelos construídos no tempo, que aderiram à história da civilização a ponto de se confundirem com ela. Esses modelos funcionam como a argamassa, uma liga que une, geração após geração, a raça humana, na medida em que oferece uma carga valorativa. Conhecendo

esses padrões, podemos afirmar, com mais chance de acerto, o que é bonito, bom e correto. O nome desses modelos é cultura.

Na dramaturgia grega clássica, que sobreviveu mais de dois milênios, fala-se da importância do autoconhecimento. O homem deve conhecer a si próprio: seus limites e suas aptidões. Desrespeitar seus próprios limites e desconhecer sua história, como ocorreu com Édipo, acarreta no desastre, na tragédia. A humildade e o sentimento de que se deve atuar de forma ativa na sociedade, desafiando a tirania, como fez Antígona, devem conviver.

Tome-se o Evangelho. Independentemente da religião que se siga, o Evangelho oferece um poderoso arsenal de valores, podendo servir, até mesmo, de código ético. No Evangelho de Lucas, por exemplo, ensina-se, na parábola do bom samaritano, que acima dos títulos que alguém pode ter ou de sua posição social, o mais importante é a conduta caridosa em relação ao outro.

Veja-se Dante, que denunciou com humor as dificuldades de todos nós, ou Cervantes, que nos mostra o vazio da vida sem sonhos, sem aspirações. Com Shakespeare, encontramos a nós mesmos e a todos que nos rodeiam. Melville nos leva para dentro do mar, numa luta contra uma gigantesca baleia branca. Charles Dickens denuncia um mundo desigual, cujos protagonistas são órfãos e miseráveis. Proust nos lembra que Madeleine e chá têm o poder de resgatar reminiscências poderosas – quando todos nós temos as nossas Madeleines e chás – e que somos tão fortes ou frágeis quanto essas lembranças. George Orwell conta a nossa história como uma fábula: os porcos, antes oprimidos, ao assumirem o poder, passam a agir como opressores. Todas essas obras vêm carregadas de valores, que funcionam como uma bússola. Com elas e tantas outras, o ser humano se educa.

A cultura está também na música: para dar sonoridade ao poema de Schiller, Ode à Alegria, Beethoven compôs praticamente surdo sua Nona Sinfonia – e emociona mesmo quem jamais teve acesso às composições clássicas. No cinema, encontra-se cultura, seja rindo da pureza de Carlitos, personagem icônico de Charles Chaplin, ou pela firmeza de propósito de Rick – um aparentemente bruto Humphrey Bogart, que deixa o amor de sua vida, a irresistível Ingrid Bergman escapar para proteger uma causa que ele considera maior.

No seu caminho, o ser humano, em grande parte para se sentir útil, legou obras. O tempo tratou de filtrá-las, a fim de manter vivas aquelas

cravejadas de preciosos valores e, por vezes, outras com apenas uma pequena joia de sabedoria. Ao se inteirar delas, refletindo sobre a sabedoria que elas oferecem, o homem se educa. Assentado nesses padrões, nós nos conhecemos melhor e, a partir daí, podemos ser mais – genuinamente – generosos conosco e com as pessoas que nos cercam. Afinal, como na célebre frase de Aristóteles, “todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”.

Assim, o economista, a enfermeira, o carpinteiro, o agentedeturismo, a registradora de um supermercado, um juiz de direito, todos nós, enfim, teremos mais condições de compreender e dimensionar a beleza da Capela Sistina e perceber a angústia do próximo se tivermos uma educação munida de valores. Com essas ferramentas, será uma tarefa mais fácil identificar o bom, o bonito e o correto.

Embora o nosso mundo ofereça, como nunca antes, as mais variadas formas de escapar dessas informações valorativas, também nunca antes houve tanto acesso à cultura. A opção, portanto, é nossa. Cabe a nós decidir se teremos a capacidade de responder. Afinal: Isso é bom? Aquilo é bonito? Essa conduta está correta? Há uma resposta certa para tudo? ●